

## As Novas Fronteiras do Conhecimento

Os níveis crescentes de desenvolvimento humano levam-nos a observar que as sociedades atuais mantêm e ampliam a sua vulnerabilidade face aos diferentes tipos de perigos presentes no território. Aos perigos que sempre existiram, juntam-se outros cada vez mais complexos, de matrizes sociais, políticas, religiosas e tecnológicas de consequências cada vez mais imprevisíveis e globais que tomam uma amplitude exponencialmente preocupante.

Mas também os desastres naturais sustentados pelas alterações climáticas e cada vez mais devastadores, mais repentinos e com períodos de retorno menos alargados são ameaças constantes sobre as sociedades atuais e que fogem normalmente ao controlo dos decisores.

Estas alterações climáticas que sempre foram registadas ao longo de milhares de anos são hoje um problema acrescido pelo facto do seu ritmo ter sofrido no último século uma forte aceleração. A atividade humana foi apontada, em 2007, por cientistas especializados nesta área e reunidos sob o Painel Intergovernamental de Alterações Climáticas, como sendo a principal causa destas mudanças.

Ao mantermos uma atitude inerte e apática perante esta questão, corremos o risco de sermos expostos a eventos climáticos extremos e imprevisíveis e com efeitos absolutamente catastróficos para todo o planeta. O capital natural do mundo atingiu o valor de quase um terço acima da capacidade natural que a Terra tem para assegurar a nossa sobrevivência. E não tenhamos dúvidas, os “futuros” conflitos serão travados pela sobrevivência dos povos.

As mudanças climáticas são assim uma das nossas maiores ameaças naturais, com consequências profundas e transversais a várias áreas da sociedade sejam elas económicas, políticas, religiosas, sociais ou ambientais. O grau relativo de imprevisibilidade, quer quanto ao local onde poderão acontecer, quer quanto ao impacte que produzirão, faz deste tipo de eventos uma preocupação permanente e diária.

Se tempos houve em que se considerou, de uma forma empírica, que as sociedades modernas estavam mais resguardadas destas catástrofes, episódios recentes vieram demonstrar o contrário. Tsunamis, Furacões, Sismos, Situações Meteorológicas Adversas, Ondas de Frio ou de Calor, Secas, Cheias, são exemplos e provas de que as forças da natureza não escolhem nem data, nem hora, nem local para revelar o seu poder.

O crescimento inato das sociedades, as perturbações produzidas por estas com origens diversificadas e algumas fortemente contestáveis pelo comum dos cidadãos, muitas vezes descomedidas e até autistas face às regras do planeamento, do ordenamento do território, do ambiente, da cooperação, da liberdade, do respeito, e do conhecimento profundo já consolidado face aos riscos, veio transformar muitas zonas do globo em autênticas bombas relógio, tornando-nos seguramente muito mais vulneráveis.

Mas a apatia de grande parte da população e principalmente dos decisores, que não consideram importante a prevenção contra os desastres, porque não estão nos seus hábitos nem nas suas prioridades políticas, porque os reputam de acontecimentos improváveis e de somenos importância face a outro tipo de preferências muitas vezes questionáveis, é também fator de extraordinária preocupação.

Extraordinária preocupação porque é no presente que se institui a nossa existência e onde se determina aquilo que será o nosso futuro individual e coletivo.

A grandeza e a superior importância dos valores que estão hoje em dia em jogo, por todo o mundo, exigem que a Proteção Civil se desenvolva como um conjunto de atividades a levar a cabo, saindo da sua zona de conforto, envolvendo-se fortemente e obtendo também o envolvimento das entidades e organizações públicas e privadas, das empresas, dos cidadãos, dos decisores, mas também das instituições de ensino nomeadamente de ensino superior politécnico, apoiando-as e levando-lhes o conhecimento do terreno e da realidade.

É que a educação constitui uma área estratégica no desenvolvimento de Portugal e no desenvolvimento sustentado do sistema de proteção civil e socorro, mesmo para quem não o queira aceitar porque quanto mais conhecimento e organização mais o campo para a conservação da mediocridade se estreita.

A atual afirmação de uma escola de qualidade passa também pelo seu envolvimento nestes novos territórios educativos, com especial relevo para a proteção do património, do ambiente e da vida.

Esta contribuição é fundamental para fazer face à pluralidade dos riscos que ameaçam as modernas sociedades humanas, com consequências cada vez mais gravosas e que juntam novos elementos na prevenção dos riscos e na resposta, anunciando novos perigos para a humanidade.

As futuras responsabilidades da Proteção Civil vão necessariamente direcionar-se para a necessidade de adaptação da população a novas realidades decorrentes desta “ficção” mundial que se altera todos os dias.

Prever – analisar – avaliar – planear – antecipar – intervir - gerir a informação - gerir as consequências dos fenómenos - e repor a normalidade da vida, serão muito do futuro trabalho da proteção civil a par da capacidade de resposta assim como do esforço de cooperação destinado a melhorar a direção e a articulação entre serviços, entidades e organizações.

A proteção civil vai assim tornando-se numa nova área do conhecimento em rápido crescimento e desenvolvimento e será sem sombra de dúvidas uma das especializações mais importantes no futuro imediato...

De facto as necessidades de formação qualificada nesta área são evidentes, e acompanham a evolução das próprias sociedades. O facto incontornável de que não podem existir sociedades fortalecidas, sem segurança para as pessoas, infraestruturas e ambiente, reflete a importância que deve ser atribuída à proteção civil, pelo conjunto da sociedade no seu crescimento, posicionamento e desenvolvimento económico.

Suprir a falta de formação transversal às atividades de proteção civil e socorro é um dever de cidadania. O próprio Estado que diminui os seus trabalhadores terá forçosamente de se rejuvenescer e esse rejuvenescimento far-se-á com técnicos superiores, sendo que a área da proteção civil é uma das áreas estratégicas e vitais deste mesmo Estado que entronca com as responsabilidades previstas na Constituição Portuguesa em relação à segurança dos portugueses.

No plano institucional a ANPC através do seu site oficial refere que: “As sociedades contemporâneas, enquanto sociedades de risco, exigem dos cidadãos novas competências pessoais, fundadoras de uma cidadania mais ativa, participada e informada, que deve ser promovida e adquirida desde o início do percurso escolar.”

Também as estratégias propostas na Recomendação sobre Educação para o Risco (Recomendação nº5/2011, de 20 de Outubro de 2011), elaborada pelo Conselho Nacional de Educação, centram-se na Escola, abrangendo o ensino formal e não formal e a educação ao longo da vida com o objetivo de promover uma cultura de escola que integre os riscos e a sua prevenção/preparação, fomenta a informação em diferentes suportes e promova a formação de educadores e professores.

Estejamos conscientes dos desafios, mas convictos de que a produção deste tipo de conhecimentos é um passo fundamental na direção do sucesso formativo e na preparação profissional dos nossos cidadãos de qualquer idade, permitindo-lhes uma formação progressiva e sustentável.

Na realidade, o mundo empresarial sabe da importância do ensino superior (principalmente das escolas politécnicas com um ensino mais pragmático e próximo da

economia e da sociedade) no desenvolvimento de produtos, serviços e sistemas de funcionamento organizacionais que as tornam mais competitivas num ambiente global, já que a técnica enquanto operacionalização da ciência, só é dominada aprendendo a fazer.

Torna-se por isso necessária uma oferta formativa qualificada com o perfil profissional adequado e virado para o mercado de trabalho que satisfaça os mais elevados requisitos que o país espera dos seus técnicos, porque por mais que saibamos, sempre nos falta saber muito mais.

Estas Novas Fronteiras do Conhecimento de que falámos neste dia da Proteção Civil, pretendem sublinhar o papel fundamental e estruturante que a Escola tem na formação de cidadãos mais conscientes que se refletirá sobretudo em sociedades mais resilientes e adaptadas a um mundo em constante mudança.

**Paulo Gil Martins**

**Diretor do Observatório de Proteção & Safety**

**1 de Março de 2015**